



ERBOLATO, Mário L. O combate da Venda Grande. Diário do Povo, Campinas, 23 ago. 1956.

O COMBATE DA VENDA GRANDE

Diário do Povo 23-8-56

MÁRIO L. ERBOLATO

Em 1842 foi Campinas o teatro de acontecimentos de excepcional importância no cenário político brasileiro. Havia poucos anos, D. Pedro proclamara a nossa independência, após um período de luta e de agitações. O país enveredava-se para novos rumos, procurando abrir caminho à sua completa emancipação. Mas, vinte anos após, não se encontrara a almejada pacificação dos espíritos. Ainda fervilhava a intriga e surgiam os patriotas dispostos a defender intransigentemente os seus pontos de vista. Campinas, que sempre havia tido participação destacada em todas as manifestações políticas, não ficou atrás nem mais essa vez.

A antiga Vila de São Carlos se encontrava na fase quase embrionária, com apenas 12.000 almas. Seu aspecto era idêntico ao de muitos outros núcleos, com a parte urbana bem reduzida e tendo ao redor as fazendas e engenhos típicos. Havia os escravos e os "homens bons". As comunicações eram difíceis. Já imperava naquela época, o acentuado espírito religioso do povo, que se manifestava através de suas irmandades e das capelas entregues ao culto público. Aquêles que aqui residiam, no pacato vilarejo, tinham os seus ideais e sabiam morrer por eles. E foi com esse espírito de arrojo que aqui se escreveu, em 1842, uma das mais notáveis páginas de que se tem conhecimento: o combate da Venda Grande. Instalara-se a revolução na Província de S. Paulo e Campinas permaneceu, em grande parte, fiel aos liberais, convertendo-se numa autêntica praça de guerra. A pacatez da povoação de súbito se transformou. Pelas ruas sinuosas e estreitas, começou a passar o material de campanha. Era a cavalaria. Eram as baionetas. Eram os canhões. Eram os soldados, os sargentos e os capitães. Tudo reunido para rechegar os contrários, que se aproximavam de nossas terras...

Cavaram-se trincheiras e a expectativa tornou tenso o ambiente. O choque, finalmente, ocorreu no Sítio da Lagoa denominado Venda Grande, onde os campineiros resistiram sob o comando de Antonio Manoel Teixeira. As baixas zuniam cortando os ares. Houve resistências desesperadas. O heroísmo ficou patente, porém, a cada minuto, pois os

campineiros sabiam ser dignos de suas responsabilidades.

Disse Gondim da Fonseca que a História do Brasil não estaria completa, enquanto não se escrevesse o que foi o combate da Venda Grande. Mas essa obra foi realizada, ou melhor, concluída pouco depois, por Jolumá Brito que devotou ao assunto bons anos de sua vida, gastos em pesquisas esparsas. "O Combate da Venda Grande", escrito por ele, foi publicado em 1950, não pela Prefeitura de Campinas, que alegou falta de verbas, mas em separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Completou-se, assim, a História do Brasil, como o desejava Gondim da Fonseca. Prefaciando seu trabalho, acentuou Jolumá Brito, que "Campinas pôde crescer com o sangue de seus filhos, um dos episódios característicos da coragem indômita de seus primeiros povoadores".

Recentemente, o vereador Edmo Goulart, procurando homenagear a memória de um dos chefes do movimento, que foi Antonio Joaquim Viana, propôs que se lhe desse o nome a uma das ruas da cidade. Alguma coisa porém, estava faltando. Era um marco que perpetuasse, na própria Venda Grande, o que foi a participação dos homens de Campinas no movimento revolucionário de 1842. Há alguns anos, ali foi colocada uma estaca de madeira, que lembrava o encontro militar. Ela, porém, não resistiu ao tempo. E agora, o Centro de Ciências, através de seu Departamento de História, de que é presidente o tenente-coronel Luis Felipe Silva Wiedemann, com o apoio das autoridades militares de Campinas, vai inaugurar um monumento, sabado próximo, na região de Venda Grande, que se localiza na Fazenda Santa Genebra, a 200 metros da estrada dos Amarais. Cristalizar-se-á na pedra, para todo o sempre, o heroísmo de nossos antepassados, que foram fiéis às boas causas e ao seu espírito de luta. Quanto aos canhões, que Jolumá Brito afirma serem os que se encontram no Bec dos Jequitibás, mereciam ter placas que recordassem a sua participação na brilhante página bélica de Campinas. É uma lembrança que enviamos ao Pro. Francisco Ribeiro Sampaio, Secretário de Cultura e Higiene, que tanto vem prestigiando as iniciativas culturais.